

A Escola Nova de Edmond Demolins segundo Sílvio Romero

Aires Antunes Diniz – Escola Secundária Avelar Brotero, Coimbra, Portugal.

No início do século XX, a ideia de Escola Nova difunde-se por todo o mundo. E este anda à procura de eficácia educativa porque confia e pensa que esta trará inevitavelmente a solução de problemas sociais. São estes os que em Portugal a curto prazo provocarão mudanças de regímen político com que se abrem possibilidades de mudanças no paradigma educativo.

Também no Brasil, Sílvio Romero e Arthur Magalhães, bem como outros adeptos de Edmond Demolins eram tocados pelas razões educativas que criavam relações de superioridade para os povos anglo-saxónicos. Eram as que este geógrafo e cientista social tinha invocado para o lançamento da sua Escola Nova, ou seja, da sua “*École des Roches*”, provocando reacções similares entre os intelectuais do Rio de Janeiro e também em S. Paulo, onde já existia um grupo organizado.

Sílvio Romero e Arthur Guimarães são homens que têm fortes ligações a Portugal e à Europa, (re)interpretando em muitas situações a política e a economia brasileira ao compará-la com factos e actores semelhantes em Portugal. Mais, uma parte importante dos seus trabalhos são publicados em Portugal, fazendo com que a questão do local de edição seja particularmente importante. Era-o bem ao contrário do nosso tempo, pois a Internet permite transferir ficheiros já formatados para serem editados nos lugares onde os custos sejam mais baixos. Acontece, até, serem publicados em vários locais em simultâneo.

1 – A Discussão das ideias

Facto curioso, em 1910, Sílvio Romero publicava no Porto um livro intitulado *Provocações e Debates* em que introduzia a ideia de Escola Nova na versão de Edmond Demolins, dando-nos conta da existência no Rio de Janeiro de diversos adeptos deste educador, que era também continuador da Análise Social de Le Play, estruturada, contudo, a partir do estudo da Geografia e das estradas que unem os povos. Aí, Romero (1910, pág. 193), como o explicou em 1906 ao dr. José Oiticica, que tinha aderido recentemente às ideias de Demolins, esta Escola Nova era o resultado da análise prévia dos problemas educativos feita pela Ciência Social. Com esta origem genética, se se cortasse esta ligação umbilical, sublinha, perder-se-ia o significado original da “*École des Roches*”.¹ Acrescentará, dando nota da sua adesão pioneira às ideias de Demolins, que o seu discípulo Arthur Guimarães tinha já publicado um trabalho sobre as *Questões Económicas*

¹ Fê-lo naturalmente numa perspectiva mais à esquerda, como o antevemos na sua militância política de carácter anarquista.

Nacionais, onde usava o método da revista *La Science Sociale* e que ele o tinha prefaciado. Na verdade, em 1897, Demolins, até aí um geógrafo, ganhou uma grande visibilidade no campo educativo ao apresentar um trabalho sobre as razões da superioridade dos Anglo-saxões nos negócios internacionais. Com ele, obrigava os franceses a reflectirem sobre a Educação como elemento criador de vantagens comparativas na competição económica entre as nações. Mostra nele os efeitos positivos/negativos da Instituição Escolar e a consequente necessidade de criar uma Escola Nova em França para aumentar o seu grau de adequação às necessidades da Sociedade e da Economia Nacional. É por isso que em 1899, Demolins cria de facto esta nova realidade escolar com a instituição da *École des Roches* (Demolins, 1899). Continuando a sua análise, Demolins vai publicar análises detalhadas das diversas regiões da França, como é o caso do Midi e do centro de França. Neste trabalho, usa a nomenclatura ou classificação dos factos sociais para desta forma explicitar os efeitos das estradas nas mudanças das formas sociais da agricultura. Com este processo vai explicitar o que pensa sobre a formas de vida comunitária e particularista e, também, o modo como estas interagem com a capacidade de organização da vida económica e social, entrando nalgumas destas situações na análise do papel da educação na alteração das relações de produção. Mostra como estas são intermediadas pela tecnologia que cada forma de educação permite, concretizando diferentes capacidades competitivas e, aqui, dentro de cada forma de macro-social de organização e gestão do uso da terra.

Neste processo de análise, recorre ao trabalho dos muitos colaboradores locais da revista que dirige. Através dela, os colaboradores da revista vão criar entre si uma rede de trocas de informação, que criam uma nova forma de estruturar e de somar informações que antecipa o que fazemos agora através da Internet. Há aqui a organização eficaz de uma logística física que, também, resulta da análise do modo como as estradas alteram as economias de cada povo e a sua forma social de actuação (Demolins, b), s/data). Esta análise articula-se com a análise geográfica, onde as estradas são determinantes na criação e transformação dos diversos tipos sociais, onde Demolins vai procurar inserir os diversos dados que a revista *La Science Sociale* foi publicando ao longo dos anos. Servem-lhe então de material empírico com que faz a comprovação das suas teorias. Mais, em 1886, como nos informa Romero em 1910 (pág. 82), tinha sido encarregado de a fundar e dirigir.

Em Outubro de 1907, Sílvia Romero mostra na nota necrológica que faz de Demolins conhecer bem a sua obra e também as suas propostas pedagógicas. Também por isso, neste processo de junção de dados empíricos mundiais, e a par de gente de todo o mundo, entram de modo muito actual Sílvia Romero e Arthur Guimarães. Há ainda inseridos neste processo

outros brasileiros, em particular em S. Paulo e, claro, também alguns portugueses. Todos vão carreando elementos empíricos com que se adaptam e inserem as realidades portuguesas e brasileiras no todo mundial que Demolins tenta descrever nos seus estudos sobre as estradas (Demolin, c), s/data). Antecipa assim a globalização cultural a que assistimos com base na Internet. Na verdade, nesta altura, a globalização das ideias fazia-se através da circulação de livros, revistas e das viagens que eram transportadas por navios, comboios e tantos outros meios de comunicação bem mais lentos. E Sílvio Romero aproveitou a tecnologia disponível para aceder às ideias mais modernas que desta forma tornava suas.

2 – As ideias de Edmond Demolins em Portugal

Em 1910, Portugal mudava de regímen político, transitando para a República que ia encetar um conjunto de reformas legislativas. Por isso, no campo da Agricultura, considerada a base da Economia Portuguesa, ia, pela mão do Professor Lima Basto, preocupar-se com a formação da Educação Técnica dos Agricultores. De acordo com uma Conferência proferida por ele em 16 de Fevereiro de 1914, na sede da Associação Central da Agricultura Portuguesa, esta Educação Técnica seria fornecida aos diversos níveis do sistema educativo português. Nessa altura, a política educativa era inspirada pela ideia de Escola Nova e no caso particular de Coimbra por Edmond Demolins. De facto, Lima Basto irá atacar de frente os críticos ao afirmar: “Tem sido muito combatida a organização da Escola de Coimbra, chegando a afirmar-se que não se deveria imitar a *École des Roches* que era uma escola para incorrigíveis; contra esta afirmação limito-me a dizer que muito estimaria poder educar os meus filhos nas condições em que se encontram os incorrigíveis da *École des Roches*, com quem tive o prazer de almoçar em Outubro passado.”

Na continuidade da sua exposição, embora tenha modestamente começado a falar da “deficiência da educação técnica” no decurso da sua exposição acabará por falar da melhoria da organização das empresas agrícolas e da investigação agronómica, condição essencial para a mudança tecnológica e para a justificação de novos investimentos. Mostra como os empresários agrícola terão de ultrapassar não só a restrição que representa a falta de capitais, mas também a sua consequência directa no custo dos capitais mutuados.

Em Portugal, Paul Descamps, um discípulo de Demolins, circulou e recolheu muitas informações estruturadas sob a forma de monografias que recolheu. Fez também este trabalho com base em diversas monografias de alunos, elaboradas como trabalhos escolares cuja elaboração incentivou, que foram feitos numa primeira fase com a colaboração do professor de economia política na universidade de Coimbra em 1930, Dr. Lumbrales. Esta recolha foi continuada no ano seguinte em Lisboa, tendo aí a colaboração de Albino Vieira

da Rocha, que era o professor de economia política na Faculdade de Direito de Lisboa. Sintonizados quanto ao entendimento dos problemas sociais, estes dois professores mostraram-se empenhados neste trabalho, fazendo por isso participar os seus alunos nestas recolhas de dados empíricos. Mais tarde, em 1935, Descamps organizou com eles uma monografia geral sobre a Economia e a Sociedade Portuguesa. Salazar, colabora nesta obra como Ministro das Finanças, colocando no orçamento de estado a soma necessária para que a publicação conjunta destes trabalhos bem diversos pudesse ser feita e organizada de modo a definir bem a sociedade portuguesa.

No prefácio de Serras e Silva a este trabalho e na introdução de Paul Descamps, somos confrontados com a evidência da permanente intervenção em Portugal da equipa liderada pelos sucessores de Edmond Demolins, J. Durieu e Léon Poinard, que, no final da primeira década do século, prosseguiram a análise da sociedade portuguesa.

3 – Demolins e a análise das vantagens competitivas do Brasil

Sílvio Romero é o estudioso atento das teorias de Demolins e o observador crítico da recepção medíocre que tiveram no meio literário brasileiro, provocando o debate para repor a verdade acerca da aplicação do método de Le Play. Explicita por isso como este método trabalho, que partiu da observação das famílias, foi completado e alargado por Tourville, que criou uma nomenclatura de elementos sociais, permitindo assim a aplicação das viagens como método de observação e de comparação de lugares diversos. É nesta perspectiva geográfica que Demolins analisa os efeitos das estradas nos intercâmbios entre povos e as suas repercussões sociais em cada lugar, obrigando a uma melhor classificação dos tipos de sociedades e ao estudo das suas mutações em função de mudanças estruturais.

Antes disso, na análise da filosofia do direito, Sílvio Romero, como o comprova Ricardo Vélez Rodríguez em 2006, quando nota a influência de Le Play, abre caminho para a absorção e adaptação da influência dos seus seguidores. É o caso de Demolins. Este herda desta forma a zona de influência de Le Play, que aparece como elemento que iniciou o processo de análise das diversas sociedades que visitou. Estas servem-lhe de referência inicial, sendo completadas mais tarde pela análise da troca de ideias e, também, de reconstrução de cada uma das sociedades a partir da análise dos seus pontos e fracos. Acaba por concluir que há uma adopção e/ou imitação das vantagens observadas e comparadas para cada uma das unidades de análise, que vão ser reportadas em *La Science Sociale*, a revista que Edmond Demolins criou e geriu para publicar os contributos que vai recebendo de todas as partes do mundo. É a partir daqui que analisa o papel de cada um dos tipos de educação, que contrapõe à instrução, na valorização competitiva de cada nação no mercado mundial,

que agora designaremos por global. Por isso, propõe-nos o estudo do Brasil Social, levando-nos a analisar o papel da Educação na mudança e melhoria da realidade económica e social brasileira. Este trabalho é elogiado por Almachio Diniz em 1912, dando-lhe deste modo uma maior capacidade de influenciar o pensamento educacional brasileiro.

Este esforço de Romero não pode ser dissociado do esforço que vinha desenvolvendo desde 1904 em conjunto com Arthur Guimarães, seu discípulo, como nos informa em carta dirigida a José Oiticica. Aí, dá conta da sua condição de elemento precursor na introdução das ideias de Le Play, Tourville e Demolins na análise da realidade brasileira. É continuado por Arthur Guimarães, um membro do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro, que em 1915, logo após a morte de Sílvio Romero em 1914, lhe dedica um trabalho em que mostra uma sólida preparação de economista e de sociólogo, articulando o sistema educativo com a forma social brasileira, explicando que esta só mudará com a Educação Nova de Edmond Demolins. É o que vamos agora analisar detalhadamente

4 – A definição do Brasil Social

A ideia de Brasil Social estrutura o pensamento de Romero e Guimarães que o explicitam nos seus trabalhos que articulam e publicam conjuntamente em Lisboa. A primeira edição deste trabalho é edição da “Mala da Europa”, que apareceu em 1911, em Lisboa, com a indicação de ter sido tipografado em “A Editora”, sendo a segunda edição feita em 1912, na Tipografia de “A Editora Limitada”, que é na mesma rua e número de porta. Trata-se do mesmo local portanto. Trata-se até de um quase mesmo texto pois só algumas pequenas nuances os diferenciam. Uma delas é a dedicatória que já não existe na segunda edição. Aí escreveu na primeira edição: “Aos nobres e alevantados espíritos que teem dirigido a política republicana do rico, prospero e futuroso Estado de S. Paulo.” Contudo, o texto que se segue é na maioria dos casos o mesmo, só que diferentemente tipografado e às vezes acrescentado de notas de rodapé explicativa como acontece na página 52 da 2ª edição.²

Como está a falar do Brasil na primeira década do século XX, critica por isso os seus dirigentes, nomeando Pinheiro Machado, e sublinhando o seu alheamento da ciência social, alarga esta desatenção a todos os que pensam ser “chefes e directores d’ esta pobre terra e d’ este desventurado povo.” (pág. 9) Mais adiante irá criticar as “tres classes que teem mais de perto dirigido a vida mental e publica do povo brasileiro – os *politicos*, os *jornalistas* e os *litteratos*, (pois) levaram-n’a a um tal grau de confusão, pessimismo e desanimo, que nem elles mesmo tomam mais pé no meio dos desatinos que acumularam.” (pág. 10 e 11).

² Na citação de frases iguais de uma e outra edição, indicaremos primeira as páginas da primeira, seguidas das páginas da segunda.

Chamar-lhes-á até levianos. Listará por isso como males a má organização das finanças, a má organização da administração pública, “os defeituosos programmas e methodos de ensino publico” (pág. 11 e 12). Falará sempre de “falsas causas” e de “falsos remédios” que é necessário esclarecer através dos métodos da ciência social. Mostrará como a incultura do povo e a falsa cultura dos *políticos, jornalistas e litteratos* provocam uma enorme bancarrota de ilusões como foram as assurocracias e as caféocracias. Sintonizado com Portugal, dirá que não basta culpar o brasileiro Pinheiro Machado no Brasil ou o português Luciano de Castro com quem o julga semelhante. Em 1911, no alvorecer da República Portuguesa, chamará simplório ao processo de análise dos males da monarquia que justificam o seu fim no 5 de Outubro de 1910. Dirá: “A cousa é muito mais séria; demanda estudo, requer diuturna e dilatada acção de enérgicos factores, para ser debellada, tanto lá como cá” (pág. 19 e 25). É por isso que entre os males do Brasil, dirá que existe falta de sensibilidade para os cursos práticos que adestrem e formem os marujos e os oficiais que, respectivamente, fazem andar e comandam os couraçados. Critica os “chefes de nosso espurio imperialismo” porque não viram “que sem o *factor humano*, não passa de loucura gastar milhões na aquisição de navios, para deixal-os inutilizar-se entregues à nossa imperícia” (pág. 26 e 35-36).

5- O Brasil Social e a Escola Nova Brasileira

Tudo o que Sílvio Romero dizia acerca dos defeitos congénitos e permanentes da política brasileira tinha também reflexos quase simétricos na política portuguesa. Acontecia em particular em tudo o que se referia ao permanente desequilíbrio das contas públicas e à pouca racionalidade nos gastos públicos. É o estudo monográfico destas mazelas que o interessam, comparando-as com as que encontra do outro lado do Atlântico. Falando do Brasil, critica o déficite e das despesas desnecessárias em que se desperdiçam as riquezas do Brasil. Explica como o dinheiro, como o sabe a multidão inculta e a semi-culta, está na mão dos mais felizes, como esta afirma, mas existe. É por isso que num terceiro capítulo que trata deste assunto, nos propõe o estudo do quádruplo problema brasileiro que é social, económico, político e financeiro. Propõe-nos por isso um estudo das classes sociais, que se deve concretizar nas povoações de segunda, terceira e quarta ordem do interior, nas maiores cidades, nas mais prósperas e nas imediatas, incluindo as populações “mais mesquinamente aquinhoadas”, num método dedutivo que deve partir de baixo para cima, do povo para o Estado, “até chegar ao lauto banquete do Estado, que desperdiça os frutos do suor de todos, devorando-os, e achando ainda geito de ficar encalacrado em milhões” (pág. 38 e 54-55).

É assim que, usando os resultados já obtidos pela investigação de acordo com a Ciência Social, nos falará do analfabetismo, miséria, falta de iniciativa, marasmo radical, trabalho

irregularmente organizado, sem uma patronagem inteligente, criando por todo o lado um imenso proletariado rural, disseminado, amorfo, mal dirigido e pessimamente encaminhado (pág. 39 e 56-57). Seguindo esta linha de pensamento, fala-nos da politicagem como modo de vida, da política alimentária, da empregomania dos que sabem um pouco mais do que ler e escrever. Considera aqui a busca de empregos no Estado como uma forma de caçada ao erário público entre as classes altas, frisando que estas desprezam as carreiras directamente produtoras. É por isso que dando conta do estado da sociedade brasileira, chega à conclusão de que não basta copiar reformas educativas bem sucedidas em qualquer outro lado do mundo. Dirá que “a realidade é que o ensino público, entre nós, está completamente desorganizado e não haverá reforma que o endireite, enquanto perdurar o desmantelo geral da nossa educação, a crise moral de nosso carácter” (pág. 42 e 61).

Para ele, o remédio geral não é já fazer reformas, mas encontrar as raízes do mal que faz com que nenhuma funcione na psicologia nacional, já que em geral nunca se quer ir ao fundo das questões. Explicará a seguir esta mazela brasileira com base na inconsistência da índole dos que comandam e dos que deixam comandar, pois vão encontrando sempre fora deles próprios as razões do insucesso. É assim que lista as muitas mudanças educativas que se fizeram e como nenhuma deu os resultados anunciados.

Prossegue por isso o estudo social do Brasil, concluindo no fim que falta tudo: o pai de família, o aluno e o mestre. Para ele, é necessário mudar os pais, que classifica como *comunários do estado*, mostrando a influência de Demolins e de Descamps. Preconiza por isso que eles mudem a sua mentalidade para que transmitam aos filhos “o largo espírito de iniciativa, a san capacidade de autonomia de vontade, capaz de sair de embaraço.” De facto, se persistirem em educar os filhos para o emprego público, estes não serão nunca “uma mocidade estuante de vastas aspirações na lucta pela existencia.” (pág. 45 e 66-67). Falta também um novo mestre porque o actual dá “uma lição com o mesmo entusiasmo com que o tabelião tira uma publica forma”, e, sendo apático, não são os bons programas que lhe faltam. Conclui por isso que a primeira reforma a fazer é a de “nós mesmos”, mas aconselha a que se deixem de lado “as pedagogias arrevezadas de José Veríssimo e de outros tantos pregoeiros. São formas abstractas, roupas talhadas para gentes estranhas, receitas e manipulações para os habitantes da lua.” (pág. 46-47 e 69). Concluindo que as actuais formas de ensinar não servem para o Brasil progredir, termina dizendo que a eventual contratação externa de instrutores para o exército e para a marinha não se deve limitar a este aspecto da vida social brasileira e conclui que deve ser alargada. Propõe por isso que se

enviem “duzias de moços, dos mais inteligentes, aos países cultos para que estudem as disciplinas dos varios cursos e aprendam a ensinar” (pág. 48 e 71).

É com esta metodologia de análise concreta que quer reduzir os efeitos do carácter fantasioso e ilusionista que nota e censura na sociedade brasileira. É uma ideia metodológica estruturante que concretiza no resto do estudo que faz com Arthur Guimarães que, apoiando-se na sua experiência comercial, nos insere na realidade brasileira para nos explicar o que os brasileiros precisam de saber e de dominar como conhecimento para serem competitivos.

6 – A Pedagogia da Escola Nova de Edmond Demolins e de Paul Descamps

Paul Descamps é quem no grupo da revista *La Science Sociale* vai teorizar sobre a educação começando por descrever diversos tipos de pessoas como resultado da educação, que justifica com a expressão tal educação, tal homem.³ Por isso, explicita nas histórias educativas, em que descreve o meio em que é feita a educação, como desta resulta um homem determinado nos defeitos e virtudes que vai exhibir ao longo da vida.

Para ele, conclui, a educação consiste em semear no espírito da criança ideias que se tornem em hábitos de pensar e agir, determinando no futuro homem a sua mentalidade, a forma de pensar e, antes, o seu carácter que define a sua forma de agir. A educação será assim a aprendizagem da vida, mas esta pode ser feita de formas bem diversas. Define por isso as duas componentes essenciais da educação: a lei moral e a lei da extensibilidade das necessidades. Assim, com a negação da lei moral, teremos uma educação negativa.

Se não se tomar em conta a segunda lei, teremos uma educação estática ou comunitária. No caso brasileiro, trata-se de uma educação que Romero designa por *comunários do estado*, sempre dependentes do poder de subjugação de outras classes para obter maior soma de bens, sem contudo em nada contribuir para a mudança tecnológica.

Para Descamps, a educação estática consiste em fixar na cabeça da criança uma regra de conduta que compreende: 1º - uma aprendizagem técnica; 2º uma lei moral; 3º alguns princípios gerais que não têm em conta a extensibilidade das necessidades.

Usará depois os diversos estudos de Ciência Social para dar exemplo do seu funcionamento em todo o mundo, explicando as diversas formas sociais que ocorrem. Concluirá por fim que este tipo de educação torna-se limitativo da aprendizagem técnica pois a reduz às necessidades mais imediatas, obriga ao respeito da lei moral e da solidariedade grupal, incapacita-a de emancipar a mulher, não assegurando a melhoria da higiene para além do estritamente necessário, limitando-se às ciências dedutivas e propiciando ainda a exploração

³ Telle éducation, tel homme! In página 3.

dos grupos fracos por grupos fortes. Teríamos assim na Educação a explicação da ocorrência de formas de exploração e de discriminação de grupos humanos que, contudo, não são aqui especificados.

Diferentemente, a educação dinâmica ou particularista⁴ consiste em fixar na cabeça uma regra de conduta que compreende: 1º - uma aprendizagem técnica; 2º a lei moral; 3º alguns princípios gerais conformes à lei da extensibilidade das necessidades.

Explicitará que toda esta educação desenvolve a autonomia da vontade e a experiência como forma de aquisição de conhecimentos e competências. Tal como anteriormente, Descamps usará por fim os resultados da investigação recolhida na revista *La Science Sociale* para mostrar a ocorrência das diversas formas de educação dinâmica.

Terminará a sua exposição a falar da educação mista. Nuns casos, existem misturas de educação estática com educação dinâmica, exemplificando estas situações com a existência num mesmo lugar de pessoas com um determinado tipo de educação, que vivem ao lado de outras com qualquer outro tipo de educação. Noutros lugares, existirão pessoas com uma educação em que se combinam princípios educativos derivados tanto da educação estática como da educação dinâmica. Por isso, na evolução que se prevê, teríamos uma educação composta de elementos dinâmicos e estáticos.

7 – Uma previsão do progresso educativo segundo Sílvio Romero

Neste cenário descrito por Romero, em que se luta por um progresso antevisto de acordo com as ideias de Demolins e dos seus discípulos, podem coexistir num mesmo país diversas formas de educação. Estaria assim encontrado um caminho possível para a educação brasileira, onde, numa opção progressiva, se procuraria reforçar cada vez mais os elementos dinâmicos, reduzindo de modo programado e firme os efeitos negativos tanto de uma qualquer educação negativa como de uma educação estática, determinada por uma ordem feudal que reduz o acesso à cultura das classes populares.

Este projecto educativo, alicerçado na ideia de Escola Nova de Demolins uniria Sílvio Romero que, se a pensava à direita, tinha um forte preocupação com as classes “mais mesquinamente aquinhoadas” na repartição da riqueza nacional, com José Oiticica, que a pensava à esquerda, e era director do Colégio Latino Americano do Rio de Janeiro.⁵

Trata-se de um projecto de Escola Nova que daria coesão nacional ao Brasil, fazendo-o progredir em consonância com o mundo, onde estas ideias se globalizavam. Sintonizavam o

⁴ Designa-se assim porque educa o jovem para viver com autonomia, onde o grupo só existe se resultar das vontades individuais que o compõem.

⁵ Bulletin de La Société Internationale de Science Sociale, 1906, pág. 13.

Brasil com muitos outros povos e até com Coimbra, onde estas ideias se constituíam como motor do progresso educativo (Diniz, 2006).

E, nada foi como Sílvio Romero desejava?

Não sei. Trata-se na verdade de um tema digno de investigação e dele só dei uma pálida e ainda difusa imagem.